

AS CONSTELAÇÕES DE IMAGENS DA AVENIDA RIO BRANCO

Colagens e experimentações

THE CONSTELLATIONS OF IMAGES
OF AVENIDA RIO BRANCO
Collages and Experiments

**Milena Rubin Magoga¹,
Josicler Orbem Alberton² e Luiz Miguel Cescon³**

Resumo

O presente artigo explora a técnica da colagem e sua relação com o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg e o conceito de montagem de Georges Didi-Huberman. Utilizando a metáfora das constelações, busca-se dispor diferentes fotografias em um mesmo plano, desafiando a linearidade do tempo. A *collage* emerge como elemento interpretativo, permitindo a experimentação de elementos visuais de diferentes origens, desafiando a noção de sentido fixo. O estudo concentra-se na Avenida Rio Branco, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, explorando suas camadas históricas. Foram selecionadas fotos antigas e recentes, sobrepondo o passado e o presente, para criar colagens que refletem os atravessamentos e relações entre as imagens e o tempo. As colagens, revelam os resquícios do passado e os novos olhares do presente na paisagem urbana. Esse trabalho procura expandir as possibilidades de interpretação do espaço urbano, e discutir sobre o papel da imagem nesse processo.

Palavras-chave: *Collage*, espaço urbano, montagem, Atlas *Mnemosyne*, tempo.

Abstract

The present article explores the technique of collage and its relation to Aby Warburg's Mnemosyne Atlas and Georges Didi-Huberman's concept of montage. Using the metaphor of constellations, it seeks to arrange different photographs on the same plane, challenging the linearity of time. Collage emerges as an interpretive element, allowing the experimentation of visual elements from different origins, defying the notion of fixed meaning. The study focuses on Avenida Rio Branco in Santa Maria, Rio Grande do Sul, exploring its historical layers. Old and recent photos were selected, overlapping the past and the present to create collages that reflect the intersections and relationships between images and time. The collages reveal the remnants of the past and the new perspectives of the present in the urban landscape. This work aims to expand the possibilities of interpreting urban space and discuss the role of images in this process.

Keywords: Collage, urban space, montage, Atlas Mnemosyne, time.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (UFSM), Arquiteta e Urbanista pela Universidade Franciscana (UFN/2019).

² Doutora em Educação pela Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSM/2021), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFSC/2006) e Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2003).

³ Aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo (UFSM).

Introdução

A colagem, - ou *collage* - é puro deslocamento e experimentação. É a possibilidade de juntar e associar tudo o que se atravessa no movimento de colar, montar, testar hipóteses e construir conhecimentos visuais. Dessa forma, a prática da *collage*, encontra uma relação intrínseca com o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg (1866-1929) e o conceito de montagem trabalhado por Georges Didi-Huberman (1953).

A metáfora das constelações de imagens, surge no deslocamento de figuras e na formação de conjuntos. Essa metáfora se concretizou na organização física de painéis com fotografias realizada por Fritz Saxl (1890-1948) na biblioteca Warburg, em Hamburgo, em 1924 (GERENCER; ROZESTRATEN, 2016). As constelações de estrelas, assim como as constelações de imagens, são representações simbólicas. Identificar constelações é um método que envolve tanto sistemas científicos quanto sistemas de crenças. Os desenhos projetados no céu noturno estrelado auxiliam na divisão do universo em porções menores, como se o céu fosse um território, permitindo localizar o movimento da Terra e compreender nossa posição no espaço. Ao mapear e nomear constelações, conseguimos organizar o vasto céu estrelado em padrões reconhecíveis, criando uma linguagem compartilhada para descrever e compreender o cosmos (REDIN, 2013).

Dessa forma, pensar por meio de constelações torna-se uma estratégia de compreensão. Em cruzamento com a técnica da *collage*, pode-se permitir a criação de novos significados e relações entre as imagens, desafiando a noção de um sentido fixo e definitivo. Da mesma forma, ao agrupar e sobrepor elementos visuais de diferentes origens e períodos históricos, a colagem evoca a prática das constelações, revelando conexões, associações e padrões não lineares. A colagem, a montagem e as constelações são abordagens que expandem o potencial das imagens, possibilitando interpretações multifacetadas e convidando-nos a explorar a intertextualidade e a memória visual que permeiam a história da arte e a cultura em geral.

A Avenida Rio Branco, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, é um espaço carregado de história e transformações ao longo do tempo. Nesse artigo, propomos uma reflexão sobre as camadas do tempo que se entrelaçam nesse cenário urbano, explorando o deslocamento do corpo e do ponto de vista sobre o espaço.

Cruzando a técnica das constelações de imagens e da *collage*, destacamos fotografias antigas e novas, revelando a sobreposição do passado e do presente, bem como a pluralidade que define esse ambiente. Realizou-se a busca de imagens antigas no site do Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Foram selecionadas 40 fotos, priorizando aquelas registradas na altura do observador. Já as fotos recentes, foram registradas com o auxílio de um smartphone, bem como imagens do Google Maps.

Como resultado, as colagens produzidas a partir das constelações, buscam refletir sobre os atravessamentos que surgiram durante as experimentações e relações das imagens novas e antigas da Avenida Rio Branco. No movimento intenso de descobertas, foram captados resquícios do passado e os novos olhares do presente. Assim, a colagem permitiu outras possibilidades de apreensão das pluralidades de um mesmo lugar.

Imagens e Experimentações

A partir da manipulação com as imagens, surgem infinitas possibilidades. Na “arte de citar sem aspas”, as imagens podem adquirir significado por meio da relação e encontro com outras figuras e contextos. Georges Didi-Huberman, aborda o conceito de “montagem”, que pode ser encarado como uma estratégia ou método de organização das imagens que permite a criação de novos significados e relações entre elas. É uma forma de pensar visualmente, de estabelecer relações não lineares entre as imagens, permitindo a construção de narrativas e múltiplas interpretações, incentivando uma abordagem mais aberta e subjetiva (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Ao organizar as imagens em uma montagem, Didi-Huberman destaca que novos sentidos e conexões podem surgir, além daqueles que seriam percebidos isoladamente. Pode-se evocar memórias individuais e coletivas, resgatar fragmentos do passado e criar novas formas de compreensão. Assim, a imagem representa a destreza visual do tempo. Torna visível, ao mesmo tempo que também desmonta a história, para entendê-la melhor, provocar conhecimento. Para o autor, “uma imagem que me desmonta é uma imagem que me interrompe, me interpela, uma imagem que me deixa confuso, privando-me momentaneamente de meus recursos, faz-me perder o chão” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 131). A montagem implica a desmontagem, a prévia dissociação do que foi construído, daquilo que, em essência, ela apenas reconstitui. Dessa forma, o pesquisador/historiador remonta os “restos” da história, e os (re)compõe em tempos heterogêneos.

Em suma, a montagem é uma abordagem que permite explorar as possibilidades de significado das imagens, desafiando a linearidade do tempo e criando conexões não convencionais entre elas, abrindo espaço para a criação de novos sentidos e interpretações. Dessa forma, “a “visibilidade” do tempo passa, primeiro, pela disseminação de seus rastros, de seus resíduos, de suas escórias, de todas as coisas minúsculas que, em geral, constituem os restos da observação histórica” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 145).

O desafio, talvez, seja procurar nas imagens antigas e nos atravessamentos do presente a “poeira do tempo” nas materialidades e ausências da Avenida Rio Branco. Nesse contexto, entra em cena o trabalho de Aby Warburg, historiador da arte e teórico alemão, que desenvolveu uma metodologia para estudar as relações entre as imagens ao longo do tempo. O Atlas *Mnemosyne*, é um projeto inacabado de Warburg, desenvolvido entre os anos de 1924 e 1929. Na mitologia grega, Atlas é o titã que foi condenado a carregar o mundo nas costas, enquanto *Mnemosyne* é a deusa da memória;

Em uma abordagem inicial, o Atlas revela-se como um catálogo de vestígios históricos da antiguidade, que desempenharam um papel fundamental durante o período do Renascimento, na formação do estilo e representação da vida em movimento (WARBURG, 2015). Assim, de uma forma experimental e não convencional, o Atlas foi concebido como uma tentativa de mapear e visualizar as conexões e transformações culturais ao longo da história por meio de imagens.

Era composto por um conjunto de painéis de madeira medindo 2m x 1,5m, cobertos de tecidos pretos, onde montavam-se fotografias, recortes de revistas, mapas, desenhos e outras imagens coletadas por Warburg, que convidavam o observador a mergulhar em um percurso histórico da arte. As representações visuais eram fixadas de maneira temporária, permitindo seu deslocamento (GERENCER; ROZESTRATEN, 2016).

No Atlas, as imagens nunca estão confinadas em si mesmas: elas se abrem para processos de constelação. Nesse contexto, as figuras dialogam umas com as outras, permitindo que sejam reorganizadas e reposicionadas, gerando novos diálogos com novas imagens. Essa flexibilidade de associar, constelar, relacionar, tensionar e contrastar imagens, proporcionou a Warburg uma abordagem única para conduzir suas discussões (WAIZBORT, 2015).

O “Atlas *Mnemosyne*” não era apenas um projeto visual, mas também uma expressão das preocupações intelectuais de Warburg sobre a relação entre arte, psicologia, história, cultura e memória. Pode-se afirmar que o autor pensava por meio de imagens consteladas e montagens, e suas criações demonstram essa capacidade. Assim, o Atlas representa um trabalho repleto de descobertas, persistências e ressurgimentos, evidentes nos encontros, onde as imagens podem ser portadoras de significados profundos e multifacetados. Para Didi-Huberman, Warburg, ao desconstruir as noções hegemônicas da história da arte, propõe um novo “modelo fantasmal da história” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 25), no qual o tempo transparece nas reminiscências das formas (DIDI-HUBERMAN, 2013).

Portanto, o atlas de Warburg carrega consigo a potencialidade de desencadear ideias que nascem dos confrontos resultantes das ligações entre imagens diversas. Essas associações não emergem da semelhança ou da coexistência no mesmo período, mas sim das conexões anteriormente inexploradas e da sobreposição de diferentes momentos temporais. De acordo com a autora Paola Jacques, Warburg procurava identificar e valorizar aspectos ocultos ou aparentemente insignificantes para outros historiadores, como pequenos fragmentos, pedaços ou detalhes que não recebiam a devida atenção. Dessa forma, em vez de focar apenas nas narrativas dominantes, ele explorava essas partes negligenciadas, buscando revelar outras conexões (JACQUES, 2015).

A essência, portanto, não era cada imagem em si, mas o próprio intervalo entre elas, a disposição e a forma como elas se relacionam entre si e com os espaços vazios. Um diálogo visual que emergia da própria montagem. Para Jacques, “seu interesse pelas imagens residia justamente no seu caráter lacunar, híbrido, falho, impuro, incompleto, intermediário, aberto” (JACQUES, 2015, p. 212).

A não linearidade do tempo é discutida no Atlas de Warburg, assim como no espaço urbano. A cidade é lugar onde coexistem tempos heterogêneos, que sobrevivem na matéria ou nas práticas humanas. Esses tempos se chocam e se cruzam, formam montagens urbanas. Para Jacques,

A coexistência de diferentes tempos está evidente na materialidade da cidade. No tempo do “Agora” estão presentes as sobrevivências de gestos do “Outrora”, mas não de um passado histórico e linear. Referimo-nos às sobrevivências de “Outrora”, que irrompem, emergem no “Agora” e que, portanto, provocam choques de tempos heterogêneos (JACQUES, et al., 2016, p. 320).

Para Sandra Pesavento, o passado, registrado em materialidades, papeis e fragmentos, só pode ser acessado no presente pelo esforço da imaginação, já que está fora da experiência do vivido, é algo que já aconteceu. A temporalidade é reconfigurada por discursos e imagens dotados de conteúdo. O resgate do passado e de outras temporalidades, passa por um processo simbólico e sensível (PESAVENTO, 2020).

Dessa forma, dando voz à imaginação, a *Collage* surge como experimentação e recriação com imagens e elementos visuais, assim como o conceito de montagem de Didi-Huberman, ou o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg.

A técnica da *collage* remonta a várias épocas e culturas, com suas raízes profundamente entrelaçadas na história da expressão artística humana. Foi com os movimentos artísticos do dadaísmo e do surrealismo no século XX, que a *collage* ganhou importância como uma forma de ruptura com as convenções tradicionais da arte, permitindo aos artistas explorar novas possibilidades de expressão e questionar a própria natureza da imagem e da representação.

Para Fernando Fuão (2011), a *collage* é também um processo de escolha, rejeição e aceitação, e por fim, de descobertas. Assim como nas constelações, nas colagens nada é fixo, tudo é transitório. As imagens narram outras histórias no encontro de tempos, culturas e visões totalmente diferentes. Assim, passado e presente coexistem em uma mesma dimensão, na figura e na realidade (re)criada, (re)inventada.

Dessa forma, a fotografia, que pode se tornar instrumento de ação da *collage*, constitui um fragmento de um discurso visual. Nesse contexto, o valor de cada figura não está apenas em seu significado individual, mas também na forma como ela se articula com outras. Assim, na *collage*, a imagem transcende a sua superficialidade e revela o significado profundo e abrangente que se esconde em seu interior (FUÃO, 2011).

No processo de escolha e rejeição, o recorte das figuras é uma ação de abertura e liberação dos fragmentos, retirando-os de seus contextos originais e permitindo a redescoberta em novos cenários. Recortar é também refutar as normas estabelecidas ao criar novas formas que vão além da visão clássica e habitual da representação visual. Assim, na transformação, abertura e liberdade das formas, o artista cria uma nova realidade visual que desafia as convenções e permite a experimentação e interação entre os fragmentos (FUÃO, 2011).

A prática da colagem sempre envolve uma percepção das semelhanças e diferenças, nem sempre óbvias ou visíveis. Essa busca resulta na criação de uma proximidade, não apenas entre significados, mas também entre os corpos e as figuras isoladas. O encontro entre as imagens acontece quase que intuitivamente, em uma relação que envolve reciprocidade, ação e movimento. Assim, as imagens são capazes de relatar novas histórias, muitas vezes diferentes daquelas que foram destinadas a narrar. Dessa forma, destaca-se a possibilidade de infinitas relações, conexões e encontros entre as visualidades e fragmentos de mundos distintos ou similares entre si (FUÃO, 2011).

Permitir o choque ou o encontro afetivo entre as figuras, é também conceber e dar vazão a outros significados. A *collage* tem a capacidade de mostrar a realidade de uma outra forma, com um outro olhar. Para Fuão, “o objetivo do conhecimento poético dela não se deve buscar na aparência, mas sim, no fundo das coisas, na aparente superficialidade das figuras” (FUÃO, 2011, p. 62).

Na colagem, bem como neste presente artigo, abre-se mão de um desfecho. O sentido da arte é a abertura constante de novas interpretações e significados. A *collage* é, portanto, imperfeição, improvisação e interrogação. Uma obra eternamente inacabada e de interpretações múltiplas, assim como a cidade.



A Avenida Rio Branco

A Avenida Rio Branco, situada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, tem grande importância histórica para a região, desde que os primeiros caminhos urbanos foram traçados. A cidade teve seu surgimento por volta de 1797, quando militares portugueses acamparam em um território específico, que posteriormente se tornou um trecho de rua conhecida como Rua São Pedro e, posteriormente, Rua do Acampamento (BLOIS, 2018).

No entanto, foi somente em 1858 que o município alcançou sua emancipação política, adquirindo autonomia administrativa. E foi através da Lei Provincial número 1013, promulgada em 1876, que Santa Maria foi elevada à categoria de cidade, reconhecendo oficialmente sua importância e estabelecendo seus direitos e prerrogativas como uma entidade urbana (BLOIS, 2018).

Conectada diretamente com a Rua do Acampamento (Imagem 1), no ano de 1819, a Avenida Rio Branco já contava com três ou quatro quarteirões e era denominada como Rua General Pinto Bandeira. Com o passar dos anos, essa via recebeu outras denominações, como Rua do Coronel Valença e Avenida Progresso (SILVA, 2014; BLOIS, 2018).

A inserção de Santa Maria na rede ferroviária sul-rio-grandense, em 1885, influenciou a dinâmica de toda a cidade, principalmente da Rio Branco, a qual se tornou um importante eixo entre a Estação Férrea e o centro urbano (MELLO, 2010). As primeiras grandes mudanças estruturais aconteceram em 1912, quando a via foi alongada e duplicada, criando um eixo largo, composto por várias pistas e dois sentidos de trânsito, como também a construção de um canteiro central arborizado, influência das práticas urbanas higienistas europeias. De 1937 a 1941 foram incluídos bancos e uma nova arborização no canteiro central (SILVA, 2014).

Além disso, destaca-se a presença de importantes edifícios históricos e icônicos para a cidade. Muitos deles são tombados como patrimônio histórico atualmente: Como a Escola de Artes e Ofícios e o edifício sede da SUCV (Sociedade União de Caixeiros Viajantes), além de igrejas, hotéis e residências.



Imagem 2 - Avenida Rio Branco. Fonte: Autores, 2023. Fachada do bar (antes e após a intervenção). Fonte: <https://isd.com.mx/artwork/bar-las-divas-sustraccion-adicion/>

A Avenida, desde a década de 1910, foi palco de diversas atividades, principalmente aquelas vinculadas com as atividades ferroviárias, como hotéis e espaços comerciais. Nesse contexto, tornou-se um ponto de encontro para os habitantes, onde ocorriam passeatas cívicas, manifestações políticas, desfiles temáticos, carreatas e comemorações de datas importantes. Ao longo do tempo, a avenida se consolidou como um espaço de vitalidade social e cultural, onde as pessoas se reuniam para celebrar, expressar suas opiniões e participar de eventos significativos para a comunidade.

Entretanto, com o fim das operações ferroviárias, a Avenida Rio Branco experimentou um declínio na utilização e no investimento em sua área urbana. Durante a década de 80, surgiu um ponto de comércio informal: o camelódromo. As bancas de vendedores se multiplicaram rapidamente, e uma infraestrutura permanente foi estabelecida.

Esse espaço tornou-se um ponto de encontro movimentado. No entanto, em 2010, a prefeitura iniciou um projeto de restauração da Avenida Rio Branco. Os camelôs foram removidos e realocados para um prédio na Praça Saldanha Marinho. Além disso, foi construído um viaduto para conectar a Zona Norte da cidade ao centro.

Atualmente, a Avenida Rio Branco (imagem 2) é um espaço de múltiplas particularidades. Abriga grande parte do patrimônio histórico e cultural de Santa Maria, constituído principalmente por arquiteturas no estilo *Art Déco*. Além disso, tornou-se uma importante via de circulação de pessoas, ônibus municipais e automóveis. No canteiro central, os bancos estão constantemente ocupados por pessoas descansando, sozinhas ou em grupos.

É o lugar dos andarilhos, dos trabalhadores, dos aposentados, das crianças, das mulheres, onde as diferenças coexistem. É também do lugar do encontro, de ausências, de atravessamentos. Assim como boa parte da cidade, foi modificada ao longo do tempo devido a diferentes práticas econômicas, sociais e culturais.

A Avenida Rio Branco foi e ainda é palco de manifestações políticas, eventos culturais, comércio ambulante, expressões artísticas, entre outros. Cada uma dessas práticas contribui para a riqueza e diversidade do espaço urbano, tornando a rua verdadeiro lugar de encontro e interação entre diferentes sujeitos.



As Constelações da Avenida Rio Branco

Para formar as constelações de imagens da Avenida Rio Branco, buscaram-se imagens de tempos passados, fotografias e registros de instantes que retratassem o lugar de outrora. Dessa forma, foram selecionadas 40 imagens do Acervo Digital do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. As fotografias deveriam ter como característica principal a perspectiva no nível dos olhos do observador, com algumas exceções.

O procedimento metodológico foi dividido nas seguintes etapas: 1) seleção das fotografias do passado; 2) formação da primeira constelação, apenas com as fotografias antigas; 3) criação de 3 novas constelações e adição de fotografias recentes; 4) interpretação dos atravessamentos das constelações através de colagens.

Para formar a primeira Constelação, intitulada "Passado", as fotografias antigas selecionadas, foram dispostas lado a lado em um quadro preto, sem uma ordem cronológica (imagem 3). Dessa disposição, surgiram algumas relações de proximidade ou afastamento entre as imagens. Os conjuntos formados, não são estabelecidos como pontos fixos, algumas figuras transbordam, escapam, se conectam com outros conjuntos, como linhas imaginárias em uma constelação. Mesmo assim, delimitar os encontros de certas imagens auxiliam na criação de um fio condutor entre elas.

Dentro do mesmo quadro, foi possível fazer conexões, baseadas nas similaridades observadas nas figuras. A partir das associações das imagens antigas formadas no quadro geral, delimitou-se 3 novas constelações: a primeira diz respeito a **paisagem** da Avenida; a segunda aos **edifícios**; e por fim, as **ausências e outras presenças** identificadas nas figuras antigas, em comparação com o tempo presente.

Para compor as novas constelações, cruzou-se o tempo passado e o tempo presente, com fotografias recentes. Assim, as diferentes temporalidades ficam explícitas nas associações, e outras interpretações são possíveis de identificar. As novas fotografias emergiram do ~~um~~ deslocamento ativo em campo. A primeira associação de imagens similares, deu origem a Constelação intitulada "**A Paisagem**" (imagem 4). Nas fotografias, destaca-se o espaço da rua em perspectiva, com a via larga e, muitas

Imagem 3 - Constelação "Passado". Fonte: Autores, 2023.



vezes, a presença do canteiro central. Além disso, a presença dos morros ao norte e leste, compondo as fotografias da paisagem urbana da Avenida.

A paisagem em Santa Maria revela a presença notável de morros no horizonte. No entanto, devido à existência de edifícios de grande altura, a visão dos morros, do ponto de vista do observador, é restrita a alguns locais na cidade. Na Avenida Rio Branco, é fácil avistar os morros ao norte, como uma parede verde no horizonte. No lado leste, a vista só se revela entre os edifícios, através de aberturas e recuos entre eles, ou então nas ruas perpendiculares.

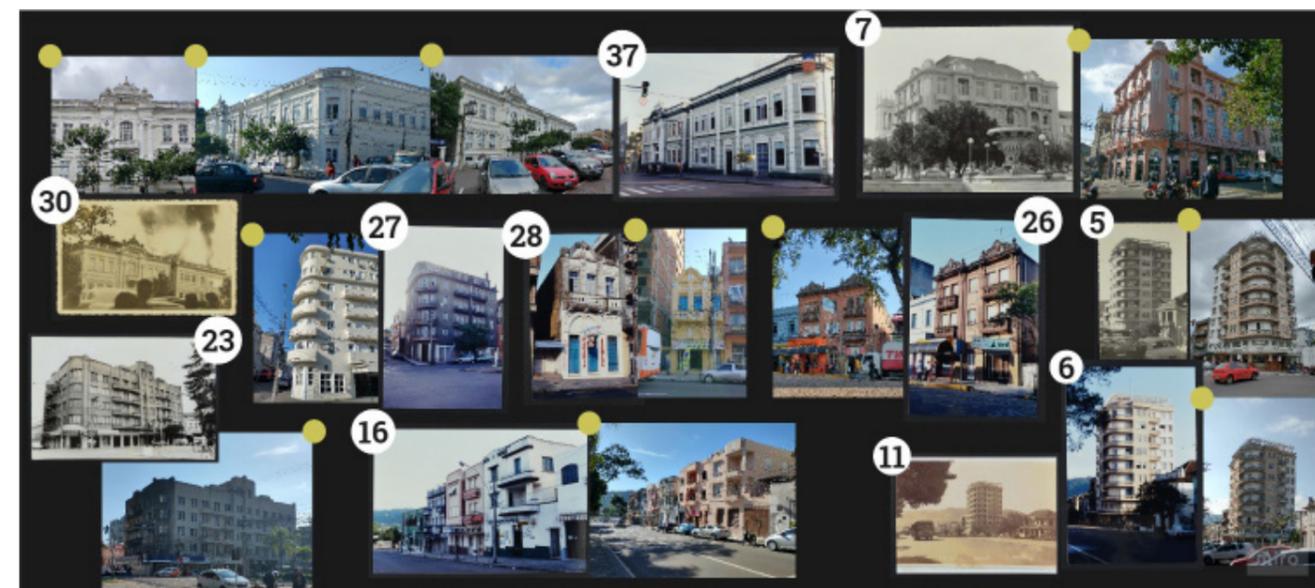
Nas perspectivas, observadas nas fotografias antigas, o Edifício Mauá, de oito andares, com características *Art Déco*, era imponente na paisagem do passado. Um dos primeiros edifícios com elevador, representava o entusiasmo da população da época com a possibilidade das construções verticais.

O segundo movimento de conexões, deu origem à Constelação “**Os Edifícios**” (imagem 5). Foram destacadas as fotografias que colocavam a arquitetura como foco principal, em prédios isolados ou em conjunto.

Ao dispor as arquiteturas lado a lado, destaca-se a diversidade de estilos arquitetônicos: alguns edifícios possuem fachadas ornamentadas e elementos simétricos, que refletem a influência da arquitetura eclética, com elementos neoclássicos e *Art Nouveau*. Existem também aqueles que exibem o estilo *Art Déco*, com linhas geométricas e detalhes elegantes, remetendo aos períodos de crescimento e modernização da cidade, são maioria na Avenida.

Destacam-se algumas arquiteturas relevantes, como o Edifício Hugo Taylor, construído em 1922, onde originalmente funcionava a Escola de Artes e Ofícios. Mescla os estilos neoclássicos, barroco e *Art Nouveau*. Em 1954, um incêndio destruiu boa parte da escola, onde funcionava também um internato, que foi encerrado na década de 70. Atualmente abriga um supermercado (MACHADO; RIBEIRO, 2015).

Com fachada eclética e a presença de elementos neoclássicos e *Art Nouveau*, o antigo edifício que abrigava a Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), foi construído em 1926. Destacam-se também, o Edifício Mauá (1950) e o Edifício Cauduro (1941), Antigo Hotel Jantzen, ambos em estilo *Art Déco*, que se tornaram símbolos da modernidade da cidade, na época em que foram construídos. O edifício que abriga o



Hotel Don Rafael, construído em 1939, apresenta dois novos pavimentos, construídos recentemente, incorporados a estrutura antiga. E por fim, observa-se a presença de conjuntos de edifícios *Art Déco*, característico na paisagem da Rio Branco.

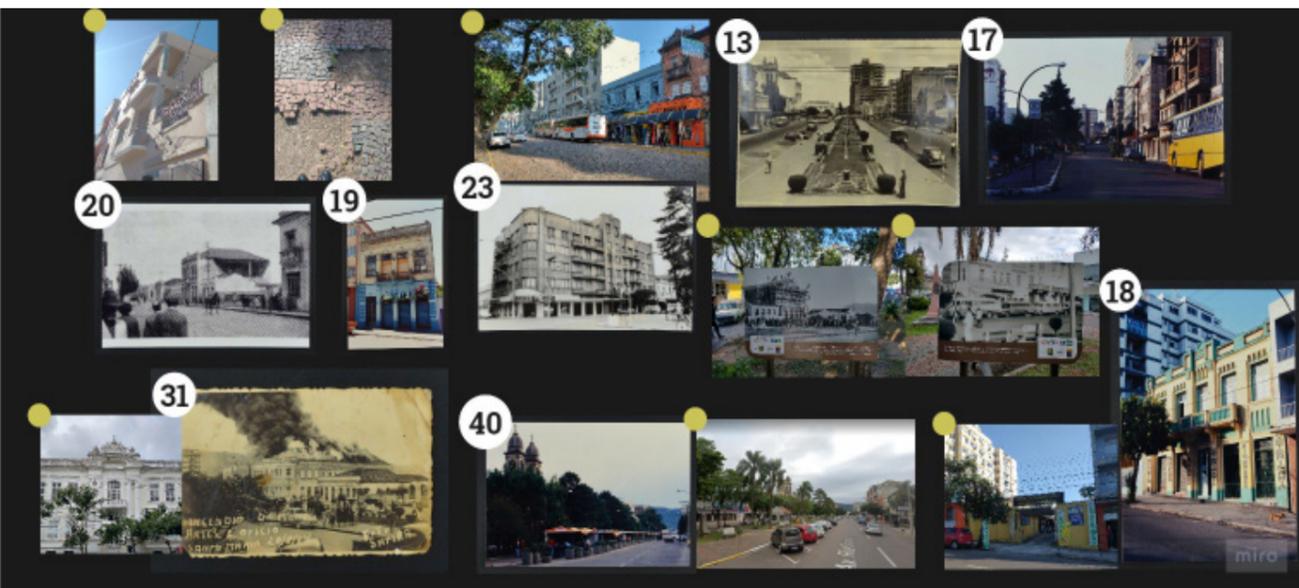
Por último, a Constelação “**Ausências e Novas Presenças**” (imagem 6), representa as materialidades ou imaterialidades que não mais existem no tempo presente, como também as modificações vividas pelo espaço. São paisagens transformadas, edifícios que viraram estacionamento, atividades que se tornaram obsoletas. As ausências vivem também nas mudanças econômicas, culturais, alterações de ideias, de costumes, de uso, etc. Representam tudo aquilo que ficou para trás, que foi substituído ou até mesmo abandonado. Na Constelação, as ausências e novas presenças da Avenida Rio Branco, podem ser observadas também na incorporação das novas imagens.

Cada constelação é uma imagem, formada por várias outras. Dessa forma, existem também relações entre cada uma das constelações, que acontecem pelo conteúdo e forma das imagens, que transbordam seu significado. É possível identificar elementos da paisagem nas ausências, por exemplo. Ou então, ausências na constelação dos edifícios. Por isso, a organização do conjunto de imagens não é fixa, pode ser explorada e experimentada de infinitas formas, se tornando um processo sem fim, com muitas interpretações.

Com as montagens visuais das constelações, criam-se linhas e conexões imaginárias, semelhanças e disparidades. Ainda que estejam próximas em um mesmo plano, podem estar distantes em profundidade, demandando diversas outras imagens para fazer essa interligação. Assim, formam-se também intervalos, espaços de contemplação entre um conjunto e outro.

Interpretações

Das experimentações imagéticas nas constelações, novas visualidades surgiram. Com a junção e sobreposição das figuras, foi possível destacar elementos centrais para discutir as temáticas apresentadas. O processo de produção das colagens digitais se baseou em um movimento de escolha e rejeição. Além da incorporação de novas imagens na composição. A ação é intuitiva, rende-se ao acaso na associação de figuras, restos e fragmentos.



Para interpretar as constelações, foram produzidas 3 colagens, que evidenciaram as reflexões que surgiram das constelações e podem apresentar múltiplas interpretações. Assim como as constelações, a primeira colagem foi intitulada de “A Paisagem”, a segunda “Os Edifícios”, e por fim, a terceira “Ausências e Outras Presenças”. Nas colagens, as diferenças e similaridades se fundem, entram em choque. São cenários imaginários que ampliam um universo infinito. Nos encontros das figuras, citados por Fuão (2011), as imagens são postas em diferentes contextos.

Na colagem “**A Paisagem**” (imagem 7), as linhas da perspectiva foram exploradas, bem como a presença do morro ao fundo. O espaço imaginário, criado através da colagem, coloca tempo presente e passado lado a lado.

Assim como era no passado, o Edifício Mauá é imponente na colagem. Sua presença na paisagem da cidade é marcante. Destacam-se também os edifícios *Art déco*, exibidos nas fotografias quase sempre em conjunto e em pequenas alturas. Existe também o acréscimo de um abandono, que mancha há mais de 50 anos a paisagem da Avenida, existente nas fotografias antigas de maneira discreta, mas presente. Aqui, os rastros do tempo viram deslocamentos, na sobreposição de instantes diversos e tempos heterogêneos. Na colagem, o canteiro central funciona como um corredor para o passado. Espaço que sempre abrigou os mais diversos grupos, atividades e apropriações, transformado durante os anos.

Na colagem “**Os Edifícios**” (imagem 8), o processo de rejeição aconteceu ao excluir as imagens de alguns edifícios que, aparentemente, não apresentam grande notoriedade na história da Avenida Rio Branco. As escolhas e o encontro das figuras, nesse caso, não aconteceram por acaso. As diferentes temporalidades foram postas lado a lado, em uma (des)ordem cronológica.

Ao observar a colagem, destaca-se a diversidade de estilos arquitetônicos presentes nas edificações, que contam a história da evolução do local ao longo dos anos. Cada estrutura apresenta uma arquitetura única, representando distintas temporalidades, bem como as demandas e anseios da sociedade de cada período. Essas edificações são testemunhas tangíveis de épocas passadas, preservando as memórias e as transformações pelas quais o espaço foi atravessado.

Imagem 6 - Constelação “Ausências e Novas Presenças”. Fonte: Autores, 2023.

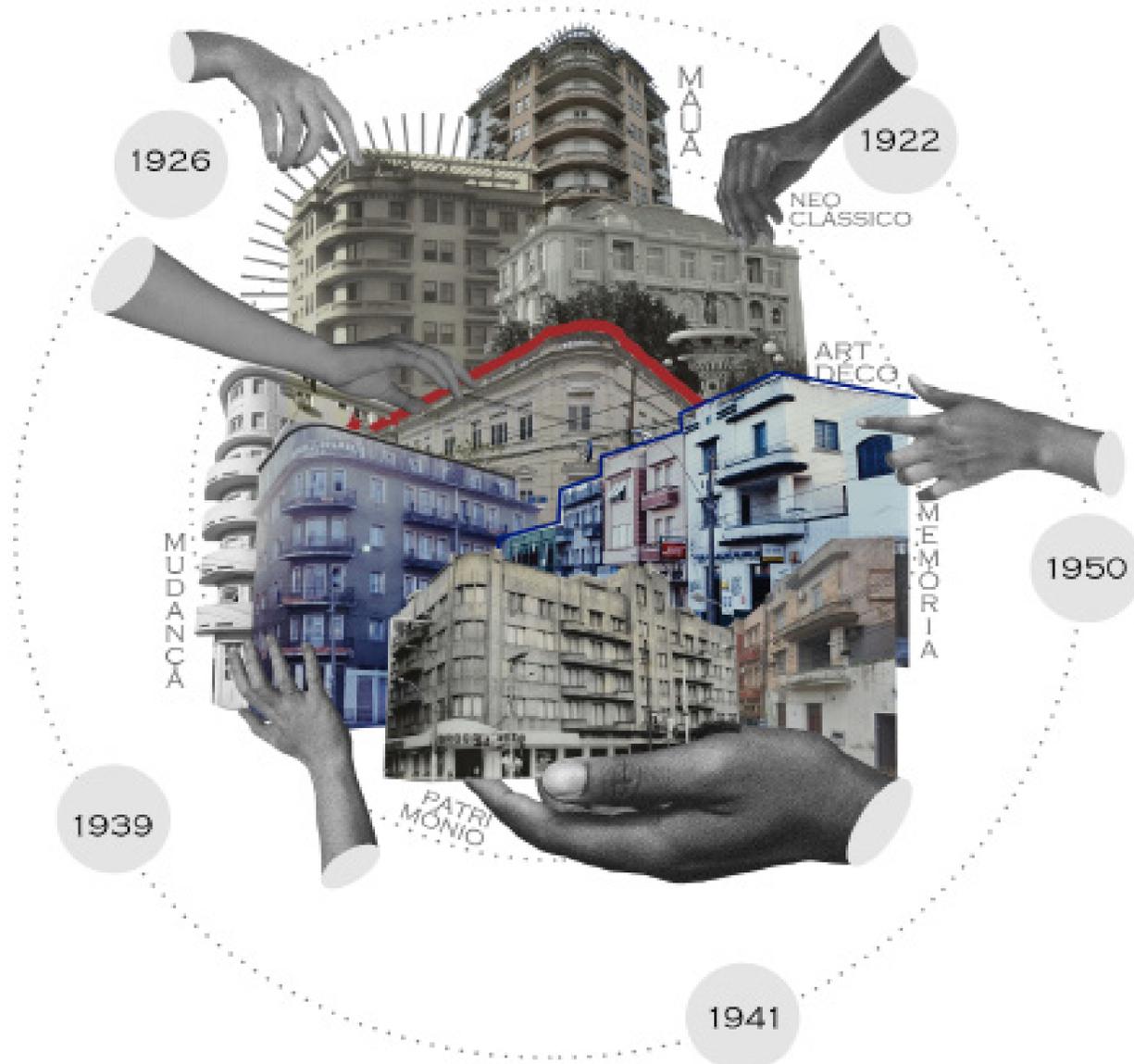


Na colagem “**Ausências e Novas Presenças**” (imagem 9), estão inscritas nas arquiteturas os “rastros do tempo”, citados por Didi-Huberman. São vestígios preservados na materialidade – e talvez não tão valorizados - ao longo dos anos. Vivos também na memória de quem presenciou o passado. Elas refletem ainda as disputas por um território, na busca humana por renovações e modernização das cidades, que nem sempre preservam as arquiteturas do passado.

Se para Jacques, no tempo do “Agora”, existe a presença de distintos momentos temporais (JACQUES, 2017), na Avenida Rio Branco, os tempos de “outrora” também são visíveis, tanto nas materialidades, como nas subjetividades. No presente, nem sempre são perceptíveis os resquícios de ações e atividades do passado, incorporados ao novo modo de vida de uma sociedade.

Assim, a ausência do trem foi resgatada na imagem, uma vez que o encerramento das atividades ferroviárias representou o declínio também das atividades comerciais e hoteleiras na Avenida. O espaço perdeu a sua importância como principal conector das chegadas e partidas por meio da Estação Férrea. Dessa forma, observam-se ausências nas próprias permanências. As materialidades ainda resistem, sobrevivem. Entretanto, o espaço foi reinventado, e os antigos usos de edifícios importantes foram abandonados. Essas sobrevivências encontram acolhimento nas imagens.

Imagem 7 - Colagem “A Paisagem”. Fonte: Milena Magoga, 2023.



As (des)montagens realizadas em cada colagem, buscaram evidenciar aspectos que surgiram dos encontros das constelações da Avenida Rio Branco. Assim, o espaço pode ser reinterpretado e apreendido a partir de novas visualidades. Na manipulação das figuras, foi possível dar espaço ao devaneio, abrir mão do controle e deixar agir a imprevisibilidade. Assim, alguns elementos foram excluídos, outros ressurgiram para compor uma ampla interpretação.

A conexão entre as imagens é múltipla. Diferente das constelações, aqui, abre-se mão dos intervalos, olha-se para o encontro. As figuras, distantes em forma e conteúdo, mas próximas por se tratar de fragmentos históricos de um mesmo lugar.

Considerações finais

O presente artigo procurou cruzar e vincular diferentes metodologias que utilizam a imagem como objeto central. Assim como no Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg, as montagens e constelações proporcionaram a disposição de fotografias em um mesmo plano, desafiando a linearidade do tempo e abrindo espaço para a reflexão sobre as interconexões entre as imagens.

Nos detalhes e vestígios encontrados nas fotografias, foi possível ampliar a apreensão do espaço também no tempo presente. Ao capturar a história do local e combinar essa compreensão com as visualidades e registros do passado, juntamente com a

incorporação de fotografias contemporâneas, a abordagem adotada abre caminho para uma interpretação abrangente do lugar em questão. Assim, o método introduz um fluxo descontínuo, tanto visual quanto de pensamento, permitindo que diferentes elementos se entrelacem de maneira inesperada.

A utilização da técnica da *collage*, expandiu as possibilidades de interpretação do espaço urbano, como uma ferramenta intuitiva de expressão. Ao desafiar as noções tradicionais de sentido fixo e linearidade temporal, as colagens revelaram a riqueza de histórias e significados presentes na Avenida Rio Branco. Dessa forma, destaca-se que as *collages* desenvolvidas, ao mesmo tempo que expandem o significado original de cada fotografia, criam recortes e sínteses das temáticas, destacando certos elementos e excluindo outros.

Assim, foi possível captar as camadas de transformações que ocorreram ao longo do tempo, revelando não apenas a superfície visível, mas também as histórias e narrativas subjacentes que moldaram o ambiente urbano. A interação entre elementos do passado e presente, que muitas vezes parecem desconectados, permite uma nova perspectiva. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão do uso das imagens em pesquisas e ressalta a possibilidade da experimentação visual na análise e interpretação do espaço.

Referências

BLOIS, Hugo. *Arquitetura subjacente à via férrea: relações de lugar e poder no espaço urbano de Santa Maria/RS – final do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FUÃO, Fernando Freitas. *A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida. Ensaios Filosóficos*, Rio de Janeiro, v. 09, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas. *A collage como trajetória amorosa*. 1 ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GERENCER, Paula Brazão; ROZESTRATEN, Artur Simões. Constelações de imagens: metáforas e ensaios. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 10, n. 19, p. 87-112, 2016.

JACQUES, Paola Berenstein; et al. Temporalidades. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017. p. 295 – 349.

MACHADO, Maria Dinair Santos; RIBEIRO, Marcelo. Dos trilhos aos palacetes: refletindo sobre o acervo arquitetônico da Av. Rio Branco, Santa Maria, RS. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, Jaguarão, v. 01, n. 02, p. 217-232, 2015.

MELLO, Luiz Fernando da Silva. *O pensamento utópico e a produção do espaço social: A cooperativa de consumo dos empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Revista do instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 158, p. 207 – 216, 2020.

REDIN, Mayana. Como expandir o mundo a cada vez que o reduzimos: a criação dos intervalos por uma metodologia da constelação. *Revista artes e ensaios*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 153 – 161, 2013.

SILVA, Carla Saldanha da. A história da Avenida Rio Branco da cidade de Santa Maria: uma narrativa através da fotografia. In: *ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS*, 1., Porto Alegre, 2014. Oficina do Historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 466.

WAIZBORT, L. Apresentação. In: WARBURG, A. *Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das letras, p. 14-25, 2015.

WARBURG, A. *Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.